

OPTIMO MAGISTRO SODALIVM
ET AMICORVM MVNVS

Homenagem a Aires A. Nascimento
pelo seu 80.º aniversário

OPTIMO MAGISTRO
SODALIVM
ET AMICORVM
MVNVS

Homenagem
a Aires A. Nascimento
pelo seu 80.º aniversário

CENTRO DE ESTUDOS CLÁSSICOS

LISBOA • 2022

Esta publicação é financiada por Fundos Nacionais através da FCT – Fundação para a Ciência e a Tecnologia, I.P., no âmbito do projecto UIDB/00019/2020.

Título

OPTIMO MAGISTRO SODALIVM ET AMICORVM MVNVS

Homenagem a Aires A. Nascimento pelo seu 80.º aniversário

Autores

Arnaldo do Espírito Santo

Maria Cristina Pimentel

Paulo Farmhouse Alberto

Rodrigo Furtado

Capa

Rui Gomes (Segmento de Mercado: www.segmentodemercado.com)

Edição

Centro de Estudos Clássicos

da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa

Depósito legal

495684/22

ISBN

978-972-9376-63-4

DOI

<https://doi.org/10.51427/10451/52093>

Data da publicação

Abril de 2022

Tiragem

200 exemplares

Composição e Impressão

PUBLITO – Estúdio de Artes Gráficas, Lda. – Braga

Palavras prévias

ARNALDO DO ESPÍRITO SANTO

MARIA CRISTINA PIMENTEL

PAULO FARMHOUSE ALBERTO

RODRIGO FURTADO

Centro de Estudos Clássicos
da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa

Aires Augusto Nascimento nasceu no dia 20 de Julho de 1939, em Palhais, Trancoso. Fez a instrução primária na sua aldeia e, depois do exame da quarta classe, em 1949 foi continuar os estudos em Tomar, ingressando, como aconteceu a tantos rapazes do Portugal daquele tempo, num dos seminários da Sociedade Portuguesa das Missões Católicas Ultramarinas, instalado então no Convento de Cristo. Descobriu nessa época a sua vocação sacerdotal: foi ordenado com 23 anos, no dia 29 de Julho de 1962. A sua primeira missão foi no Porto, onde participou no projecto de criação de um Instituto de Estudos Teológicos, ao mesmo tempo que dava aulas aos novos alunos da Sociedade Missionária. O seu gosto pelo ensino e certamente as suas capacidades extraordinárias cedo o levaram a nova missão.

Ingressou assim na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, na Licenciatura em Filologia Clássica, concluindo-a em 1970 com a classificação de 18 valores, com uma “tese de licenciatura” ainda sobre assuntos gregos: *Aretê Sofística, O Homem Grego do Século V a.C., em valoração*. Convidado pelo Director da secção de Filologia Clássica, Francisco Rebelo Gonçalves, Aires A. Nascimento ingressou na Faculdade de Letras de Lisboa nesse mesmo ano, como Assistente Eventual.

O seu percurso não foi ditado, no entanto, pelas temáticas helénicas. No início de 1973, por iniciativa do Instituto de Alta Cultura, organizou-se em Lisboa uma reunião entre a secção de Filologia Clássica e o Professor Manuel C. Díaz y Díaz (1924-2008) sobre a oportunidade de se irem desenvolver em Portugal estudos de filologia latina medieval. O encontro com o Prof. Díaz y Díaz viria a mudar a vida de Aires A. Nascimento. Em 1976, rumou a Lovaina, onde estudou Codicologia, matéria por que se interessou particularmente. No dia 20 de Janeiro de 1978 defendeu a sua tese de doutoramento em Linguística Latina, com o estudo *Livro de Arautos: Script*.

anno MCCCCXVI, ms. lat. 28, J. Rylands Library (Manchester) = De Ministerio Armorum / estudo codicológico, histórico, literário, linguístico, texto crítico e tradução.

A partir daí, o currículo do Professor Aires A. Nascimento densifica-se a um ponto praticamente impossível de acompanhar em poucas páginas. Na Faculdade de Letras de Lisboa tornou-se Professor Associado em 1979, prestou provas de Agregação em 1984 e ascendeu a Professor Catedrático em 1985. Foi vice-Presidente do Conselho Científico, Pró-reitor e introduziu em Lisboa o curso de pós-graduação em Ciências Documentais, o mais antigo do país. Neste contexto, foi ainda Director do Instituto Português de Arquivos (1990-1991). Cremos, no entanto, que os lugares que mais acarinhou foram os da Direcção do Centro de Estudos Clássicos e da revista *Euphrosyne*, que assumiu em 1986 e de que foi o responsável principal até à sua jubilação em 2008. Depois desta data, continuou a frequentar a sua Faculdade e o seu Centro de Estudos Clássicos, mas é sobretudo à Academia das Ciências, de que se tornou sócio efectivo em 2013, que dedica parte importante da sua actividade científica.

A vontade evidente de ultrapassar fronteiras rígidas entre áreas do saber (que talvez tenha resultado da abertura da sua formação missionária), levou a que Aires A. Nascimento fosse além da área tradicional dos Estudos Clássicos e se dedicasse sobretudo à filologia latina medieval, à codicologia e à história do livro e das bibliotecas, com dezenas de publicações nomeadamente sobre manuscritos, iluminuras e circulação de códices, sobre as livrarias e os textos de Alcobça, Santa Cruz de Coimbra, S. Vicente de Fora e Lrvão, sobre hagiografia e relatos de milagres e sobre história medieval e a documentação latina do território português. Do mesmo modo, alargou os seus interesses ao Humanismo Português, onde estudou Pedro Nunes, Damião de Góis, entre tantos outros.

Estamos em crer que, sobretudo na filologia latina medieval em Portugal, há claramente um antes e um depois de Aires A. Nascimento. Não tendo sido o único que se dedicou ao estudo de textos latinos medievais, o seu talento tornou-o o principal dinamizador destes estudos em Portugal ao longo de mais de trinta anos.

Com uma capacidade de trabalho difícil de ultrapassar, procurou formar discípulos. No final dos anos 80 assistiu-se ao aumento do número de alunos de Mestrado e de Doutoramento em Línguas e Literaturas Clássicas na Faculdade de Letras: a maior parte veio a trabalhar com Aires A. Nascimento. O seu horizonte também não se cingiu à Faculdade de Letras de Lisboa: os discípulos de Aires A. Nascimento espalham-se hoje pela maior parte das Universidades portuguesas. Em Espanha, as suas ligações estendem-se também a bom número de instituições, de que se salientam as Universidades de Santiago de Compostela ou A Corunha, onde guarda possivelmente os seus amigos mais chegados, até às Universidades Complutense de Madrid, Salamanca, Barcelona ou León, para referir apenas algumas.

Depois de o Professor Aires A. Nascimento se ter jubilado, o Centro de Estudos Clássicos sentiu logo que deveria homenageá-lo: dedicou-lhe o

volume 38 da *Euphrosyne* (2010) e promoveu a publicação dos dois volumes do *Ler contra o tempo: condições dos textos na cultura portuguesa – recolha de estudos em hora de vésperas* (2012), com uma selecção dos seus principais trabalhos. Entretanto, começou a surgir a ideia de preparar uma homenagem maior, que permitisse juntar amigos, discípulos e colegas numa actividade que celebrasse não apenas a amizade, mas também a ciência.

Daqui nasceu a ideia de *Portugal, os clássicos e a cultura europeia: colóquio de homenagem a A. A. Nascimento no seu 80.º aniversário*. Este encontro começou a ser preparado, com alguma reserva, quase um ano antes, mas cedo, com a sua argúcia, o homenageado descobriu o que se preparava. Estamos em crer que, no entanto, o efeito-surpresa não desapareceu completamente. Inicialmente, o encontro estava pensado para a sexta-feira, dia 19 de Julho de 2019, e a manhã do dia 20, terminando com um almoço de aniversário. Contudo, cedo o calendário se mostrou desadequado. O colóquio acabou por começar logo na manhã do dia 17 de Julho e estendeu-se com sessões contínuas, que não raras vezes ultrapassaram o horário previsto, até ao final da manhã de dia 20. Houve 71 comunicações.

O volume que agora publicamos resulta deste colóquio. Estão aqui representados muitos dos que o quiseram homenagear, e praticamente todas as áreas científicas cultivadas e ensinadas pelo homenageado.

Colagens e emendas de dois exemplares de *Os Lusíadas*

RITA MARNOTO

Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra /
Centre International d'Études Portugaises de Genève
rmarnoto@fl.uc.pt

Não se ama senão aquilo que se conhece, como a inversa é verdadeira, pois só se conhece verdadeiramente aquilo que se ama. Poder-se-á, para o caso, invocar certamente a autoridade de Agostinho de Hipona, mas tal enunciado entrou nas nossas convicções para podermos julgar da sua aplicação a domínios cuja referência se tornou quotidiana, como é o património cultural.

AIRES A. NASCIMENTO, *O scriptorium de Alcobaça.
O longo percurso do livro manuscrito português*

Amor e conhecimento – na simbiose entre estes dois conceitos, guarda-se o tesouro de uma das grandes lições que o Prof. Aires Nascimento transmite aos leitores de um dos seus mais recentes livros, num passo que condensa um percurso intelectual de dedicação à escrita. Tão simples como profundas, as suas palavras pautam uma forma de investigar e de pensar, que é também um modo de disseminar a estima por um dos sumos tesouros do património cultural, o livro.

Os Lusíadas, de Luís de Camões, é um dos livros mais conhecidos e amados do tecido cultural português, quer na esfera nacional, quer no plano global¹. “Impressos em Lisboa, com licença da sancta Inquisição, & do Ordinarío: em casa de Antonio Gõçaluez Impressor. 1572”, deles se podem observar 29 exemplares, com essas referências, na reprodução em formato digital publicada por Kenneth David Jackson em CD-ROM no ano de 2003². Esses

¹ Este artigo enquadra-se nas pesquisas para a edição de *Os Lusíadas* que estou a preparar, integrada num projecto do CIEP, “Centre International d'Études Portugaises de Genève”. Até ao momento, foram publicados quatro volumes da edição crítica do teatro (*Comédia de Filodemo*, 2017, ed. M. Perugi) e da lírica (*Sonetti*, 2020, *Canzoni*, 2021, ed. M. Perugi; *Redondilhas*, 2021, ed. B. Spaggiari) de Luís de Camões.

² K. DAVID JACKSON (ed.), *Camões and the first edition of The Lusíadas*, Dartmouth, Center for Portuguese Studies and Culture, University of Massachusetts Dartmouth, 2003 [CD-ROM].

especímenes encontram-se dispersos por diversas bibliotecas do mundo, nunca sendo demais sublinhar as virtualidades do instrumento pesquisa basilar, assim disponibilizado aos investigadores por K. David Jackson.

Ao examinar as imagens nele reunidas, dei-me conta de duas variantes comuns e exclusivas de 2 dos 29 exemplares³. Dizem respeito à configuração textual de dois versos, em termos que passo a esquematizar:

3.55.7, f. 47r

27 exemplares

2 exemplares

Scabelicastro, cujo campo ameno,

Escalabisco, cujo campo ameno,

10.72.4, f. 172v

27 exemplares

2 exemplares

Da fera multidão pradrupedante:

Da fera multidão quadrupedante:

Os 2 exemplares em causa são o espécimen da Biblioteca Nacional de Portugal (BNP) com a cota Cam4P e o espécimen da Biblioteca Nazionale di Napoli Vittorio Emanuele III (BNN) que tem a colocação S.Q.XXIVG31, ambos com o pelicano voltado para a esquerda do leitor. A descoberta destas duas variantes levou-me a procurar conhecer melhor os dois espécimes, passando ao seu exame *de visu*.

Assim pude alcançar a explicação de uma tal característica distintiva, para as variantes relativas aos versos 3.55.7, f. 47r e 10.72.4, f. 172v, apresentadas por esses dois exemplares⁴. A questão é de ordem física e do mesmo teor. Em ambos os casos, foi colado um quadrilátero de papel impresso quer sobre a palavra “Scabelicastro” (“Escalabisco”), quer sobre parte da palavra “pradrupedante” (“qua”). Os caracteres tipográficos do recorte têm um desenho em tudo semelhante ao do original.

Para além disso, a observação *de visu* dos dois espécimes permitiu-me identificar uma outra característica comum ao exemplar Cam4P da BNP e ao exemplar S.Q.XXIVG31 da BNN, também ela de índole correctiva. Neles se encontram registadas anotações manuscritas que correspondem aos mesmos objectivos de rectificação e cujo teor se equivale.

As emendas manuscritas foram apostas a tinta ao texto do poema, incidindo precisamente sobre as mesmas realizações textuais do original impresso. As semelhanças vão contudo mais além. É a mesma a sinalética

³ A estes 29 exemplares acrescentam-se o da Sociedade Martins Sarmento de Guimarães e o do Ateneu Comercial do Porto, que não apresentam, da mesma feita, as duas particularidades seguidamente descritas. Tratei a questão das colagens e do topónimo “Escalabisco” em “Entre Península Ibérica e Península Itálica. Sobre um topónimo de *Os Lustadas*”, in S. Pérez-Abadín et alii (edd.), *Entre Italia, Portugal y España. Ensayos de recepción literaria*, Santiago de Compostela, Universidade de Santiago de Compostela, 2021, pp. 367-381.

⁴ Encontra-se uma referência à correcção operada no exemplar Cam4P da BNP, de “Scabelicastro” para “Escalabisco”, em E. PAULO RAMOS, “Singularidades perturbantes em exemplares Ee/S e E/D d’*Os Lustadas*”, *Humanitas*, 41-42, 1990, 195. Foi a única menção ao assunto tratado com que me foi dado deparar.

correctória caso a caso utilizada, é o mesmo o seu posicionamento relativamente ao desenho de página e são os mesmos, tal como se dão a observar, o lançamento da escrita e o tipo de tinta empregue⁵.

Passo pois a explicitar quais são essas emendas⁶:

2.7.8, f. 20r

Os que Christãos, que so tanto ver deseção. > Os ~~que~~ Christãos, que so tanto ver deseção.

– Barramento horizontal do *que* impresso.

2.13.3, f. 21r

Os dous Christãos, nam vendo que enganado > Os dous Christãos, nam vendo que enganado[s]

– Acrescento de *s* a seguir a *enganado* impresso, através de letra com desenho que imita o da fonte.

2.13.8, f. 21r

Na moça de Titão a roxa fronte. > Na moça de Titão a roxa fronte.

– Barramento oblíquo do *N* impresso e registo de *D* à esquerda.

3.1.7, f. 38r

Nunca por Daphne, Clicie, ou Leucothô[e] > Nunca por Daphne, Clicie, ou Leucothô[e]

– Aclaramento do *e*, que teria sido impresso defeituosamente, através de letra com desenho que imita o da fonte⁷.

3.3.7, f. 38v

Não me manda contar estranha historia: > Não me manda[s] contar estranha historia:

– Sinal angular de acrescento no espaço interlinear inferior, acrescento de *s* no espaço interlinear superior e registo de *s* na margem esquerda.

5.77.3, f. 92r

Dizem, que por nos, que em grãdeza ygoal > Dizem, que por n[a]os, que em grãdeza ygoal[ão]

⁵ Salvaguardem-se outras anotações ao texto contidas no exemplar Cam4P da BNP, um exemplar muito manuseado, como adiante direi. Em 5.33.6, f. 85r, a primeira sílaba da palavra “tecida” é aclarada em manuscrito, sendo igualmente registada na margem direita. Note-se que em alguns exemplares essa sílaba saiu com impressão esbatida, por falha mecânica. Além disso, observam-se outras emendas: “E em negócios”, *E* barrado (8.55.6, f. 137r); ou “Out Iesu Christo” (10.108.8, f. 178v), *e* sobreposto a *t*.

⁶ Na transcrição de cada verso, assinalarei a emenda introduzida, descrevendo-a de seguida.

⁷ Esta emenda manuscrita foi aposta a muitos exemplares de 1572, dado que, na composição, o último tipo de “Leucôthoe” foi mal metido.

– Primeira emenda: Sinal angular de acrescento no espaço interlinear inferior, acrescento de *a* no espaço interlinear superior e registo de *naos* na margem direita.

– Segunda emenda: acrescento de *ão* a seguir a *ygoal* impresso, através de letras com desenho que imita o da fonte.

5.77.6, f. 92r

Pera onde a costa ao Sul se alarga, & este > Pera onde a costa ao Sul se alarga, & este[nde]

– Acrescento de *nde* a seguir a *este* impresso, através de letras com desenho que imita o da fonte.

5.79.3, f. 92v

Alimpamos as naos, que dos caminos > Alimpamos as naos, que dos camin[h]os

– Sinal angular de acrescento no espaço interlinear inferior, acrescento de *h* no espaço interlinear superior e registo de *h* na margem esquerda.

6.39.6, f. 103r

Mas estregando os membros estirauão, > Ma[l] es[f]regando os membros estirauão,

– Primeira emenda: sobreposição, ao *s* impresso, da letra *l*, e registo de *l* na margem esquerda.

– Segunda emenda: sobreposição, ao *t* impresso, da letra *f*, e registo de *f* na margem direita⁸.

8.33.4, f. 133v

Que leuão roubado ousadamente: > Que le[ua]uão roubado ousadamente:

– Sinal angular de acrescento no espaço interlinear inferior, acrescento de *ua* no espaço interlinear superior e registo de *ua* na margem esquerda.

8.56.8, f. 137r

Do mundo, que deixa descoberto. > Do mundo, que deixa[ua] descoberto.

– Sinal angular de acrescento no espaço interlinear inferior, acrescento de *ua* no espaço interlinear superior e registo de *ua* na margem direita.

9.62.4, f. 155r

Vam queridas do filho de Latona: > [T]am queridas do filho de Latona:

– Sobreposição, ao *V* impresso, da letra *T*, e registo de *T* na margem esquerda.

⁸ Emenda controversa, anotando Epifânio: “A redação está enleada; é certo porém que ‘estregando’ tem por complemento ‘os olhos’ (e não ‘os membros’, como alguns tem pensado), aliás não se compreende a adversativa ‘mas’. Effectivamente o sentido é, que os olhos queriam cerrar-se, mas os marinheiros, esfregando-os, não os deixavam ser vencidos do somno. ‘Estregando’ tem sido reputado por muitos erro typographico, em vez de ‘esfregando’; mas infundadamente, por isso que também em castelhano ha o verbo ‘estregar’”, Luís de Camões, *Os Lusíadas*, ed. Augusto Epiphanyo da Silva Dias, Porto, Companhia Portuguesa Editora, vol. 2, 2^a1918, ad loc.

9.74.1, f. 157r

Qual tão de caçador sagaz, e ardido, > Qual [c]ão de caçador sagaz, e ardido,
– Sobreposição, ao *t* impresso, da letra *c*, adaptando o seu desenho à morfologia do carácter *t*, e registo de *c* na margem esquerda.

9.80.4, f. 158r

Soltamo, e corroras mais leuemente. > Soltamo, e corro[e]ras mais leuemente.
– Barramento oblíquo do *o* impresso, acrescento da letra *e* no espaço interlinear superior e registo de *e* na margem direita.

10.14.2, f. 163r

Virão Reis Bipur, e de Tânôr, > Virão Reis [de] Bipur, e de Tânôr;
– Sinal angular de acrescento no espaço interlinear inferior, acrescento de *de* no espaço interlinear superior e registo de *de* na margem direita.

10.107.6, f. 178v

Qua com armas virâ depois de ti, > Qua[e] com armas virâ depois de ti,
– Barramento oblíquo do *a* impresso, acrescento da letra *e* no espaço interlinear superior e registo de *e* na margem esquerda.

10.116.2, f. 180r

Que o Rey se banha logo na ago santa. > Que o Rey se banha logo na ago[a] santa.
– Sinal angular de acrescento no espaço interlinear inferior, acrescento de *a* no espaço interlinear superior e registo de *a* na margem direita.

10.130.1, f. 182r

Olha o muro, & edificio nunca crido, > Olha o muro, & edificio nunca crido,
– Barramento com cruz do & impresso.

É extremamente precisa a coincidência não só entre a matéria textual das emendas realizadas, como também entre o sistema de sinais gráficos angulares, traços de barramento, posicionamento infra ou supralinear das emendas e disposição dos registos colocados nas margens. As cerca de duas dezenas de emendas comuns em manuscrito vêm pois acrescentar-se às correcções operadas através dos dois recortes colados nos exemplares S.Q.XXIVG31 da BNN e Cam4P da BNP.

Trata-se, pois, de um verdadeiro programa correctivo comum, que foi pressurosamente aplicado a esses dois espécimenes da edição de 1572 de *Os Lusíadas*. No panorama bibliográfico do livro de séculos mais recuados, a existência e a localização de livros com estas características é um facto bastante raro e dotado de um rico valor patrimonial.

Estas alterações não decorrem da produção dos exemplares, na medida em que ficam para além das características físicas do conjunto de cópias que formam a edição saída da oficina tipográfica de António Gonçalves em 1572. Envolvem a sua história e o uso que deles foi feito.

No caso do exemplar da BNP, encontramos-nos perante um livro que acusa um intenso manuseamento, bem traduzido pelo desgaste e pelas manchas localizadas na zona de viragem das folhas. As medidas do miolo acusam os excessos da guilhotina, o que indicia uma ou mais intervenções de corte⁹. A encadernação é simples, sem cartonagem, com um forro em pergaminho que é dobrado interiormente e leva uma folha de guarda que se encontra parcialmente solta. Poderá remontar a inícios do século XVII, senão a finais do século anterior.

As pesquisas que elaborei acerca da sua história confrontaram-se com a ausência, nos arquivos da BNP, de informações susceptíveis de esclarecer a incorporação do espécimen Cam4P no seu acervo. Os dois carimbos dessa instituição que o timbram reenviam para um período a situar entre 1836 e 1910. As várias marcas de posse manuscritas, mais ou menos legíveis, que lhe foram apostas, condizem com uma circulação múltipla do exemplar. No frontispício, por baixo do nome do poeta, um registo desgastado permite ler “Bn.do [Bernardo] Manoel Lopes Teixr:a[Teixeira]”. Além disso, nessa mesma página há vestígios de duas outras marcas de posse. A primeira encontra-se acima da anterior, foi barrada e é ilegível. A segunda situa-se abaixo das duas linhas impressas em que se lê “COM PRIVILEGIO | REAL.” e está apagada, tendo-lhe sido sobreposta uma anotação que parafraseia o colofon. A sobreposição não impede porém a decifração da palavra inicial, “Suor”. O que dela é permitido ler distingue o seu traçado do dos restantes registos de posse, em virtude de a sua escrita personalizada indiciar uma cultura gráfica modesta. Esse diferencial condiz com uma formação de género, considerando que a única marca numa escrita personalizada é feminina, ao passo que as restantes são masculinas e mostram familiaridade com a prática caligráfica e as suas regras de escola. Reitera esta constatação a escrita da marca de posse barrada, mas que apesar disso é legível, que foi aposta à última página do volume, a seguir à palavra “Fim.”: “D. Jer. mo [Jerónimo] Correa da Sylva”. A isto se acrescenta uma anotação a lápis registada na guarda anterior, que indica “Pertencia a livreria de D. Francisco Manuel de Mello”, e que é assinada em termos ilegíveis. Trata-se, pois, de uma indicação pretérita e remissiva.

Por sua vez, o exemplar S.Q.XXIVG31 da BNN tem a particularidade de ser a única cópia de *Os Lusíadas* de 1572, que haja conhecimento, actualmente existente numa biblioteca de Itália¹⁰. A isso acresce o valor patrimonial de um volume incorporado num dos mais notáveis acervos históricos italianos e europeus, a Biblioteca Farnese. Essa origem é desde logo atestada

⁹ O exemplar encontra-se completo, com 2+186 ff., apesar de, na reprodução publicada em K. DAVID JACKSON, op. cit., ter sido omitido o verso em branco da folha do frontispício e se verificarem irregularidades nas imagens que se seguem à f. 61r e à f. 151r.

¹⁰ O espécimen não tinha existência catalográfica em plataforma, apenas se encontrando registado num antigo catálogo manuscrito. Foi integrado em “OPAC SBN Catalogo del Servizio Bibliotecario Nazionale” em 2019, a partir da sinalização associada à pesquisa em curso; uid. <https://opac.sbn.it/opacsbn/opac/iccu/antico.jsp> (consultado a: 30-03-2020).

pela sua encadernação, a encadernação Farnese¹¹. Leva pastas cartonadas que são forradas, tal como o lombo, a pele bovina castanha, marchetada a tinta e gravada com ferros dourados no lombo. Nos espaços entre nervos, um lírio em trifólio reproduz o estema da família. A encadernação foi executada na cidade de Parma, em finais do século XVII, por um artífice até hoje não identificado, tendo sido uniformemente aplicada, nessa ocasião, aos numerosos volumes que compunham a extraordinária biblioteca da família.

A encadernação Farnese assinala um dos mais distintos capítulos da história da encadernação italiana. É parte integrante do plano de preservação e reorganização do acervo de Parma, levado a cabo pelos Farnese, na sequência da junção de dois núcleos bibliográficos. O primeiro desses núcleos tinha sido formado em Parma, cidade onde sempre se mantivera. O segundo proveio do Palácio Farnese de Roma. Fora criado pelo cardeal Alessandro Farnese¹², ou seja, o futuro papa Paulo III, imortalizado pelos pincéis de Tiziano. Essencialmente constituído por manuscritos gregos, adquiridos entre 1493 e 1494 pelo então cardeal, esse núcleo bibliográfico inscreveu um marco miliário nos caminhos do conhecimento, no ocidente europeu, da cultura helénica e helenista. A sua transferência para Parma ocorreu em 1653.

Novas vicissitudes sobrevieram porém ao destino da Biblioteca Farnese, com a morte de Antonio Farnese em 1731 e a extinção da linha de sucessão por via masculina. Foi seu continuador, no governo do ducado de Parma, seu neto Carlos de Bourbon. A mãe de Carlos de Bourbon, Elisabetta Farnese, era filha de Antonio Farnese e casara com Filipe V de Bourbon.

Quando em 1734 Carlos de Bourbon conquistou Nápoles, transportou para a cidade partenopeia o que de melhor havia em Parma. Foi assim que a Biblioteca Farnese, em 1736, passou a habitar uma Nápoles sob o domínio dos Bourbon¹³. Constituirá a pedra-de-toque sobre a qual irá assentar a biblioteca que Fernando IV de Bourbon abrirá ao público em 1804, e que actualmente é a Biblioteca Nazionale di Napoli Vittorio Emanuele III.

O exemplar de *Os Lusíadas* de 1572 pertencente à BNN apresenta condições de preservação excepcionais. Trata-se de um espécimen que não

¹¹ Sobre a encadernação Farnese, uid. http://www.bnnonline.it/index.php?it/324/possessori/possessori_508e7ec2a179d/197 (consultado a: 30-03-2020).

¹² Alessandro Farnese (1468-1549) subiu ao sólio papal em 1534; uid. G. FRAGNITO, s.u. “Paolo III”, *Dizionario biografico degli italiani*, Roma, Istituto della Enciclopedia Italiana, vol. 81, 2014.

¹³ Juntou-se-lhe ainda um pequeno núcleo bibliográfico existente no palácio Farnese de Roma. Informações sobre a sua formação em <http://www.bnnonline.it/index.php?it/193/manos-critti-e-rari&pag=1> (consultado a: 30-03-2020); *Al campo d'oro con gli azzurri gigli. Libri di casa Farnese*, Napoli, Biblioteca Nazionale, 1995 [catálogo]; e sobre a formação da Biblioteca Nazionale di Napoli em <https://www.movio.beniculturali.it/dgbic/bibvio/it/20/napoli-nazionale> (consultado a: 05-05-2019); M. ZORZI, s.u. “National Libraries of Italy. National Library of Naples”, in D. H. Stam (ed.), *International dictionary of library histories*, London, Routledge, 2016, pp. 477-478.

mostra sinais evidentes de guilhotinamento, ou pelo menos de um corte severo. À parte alguns danos, o miolo encontra-se bem conservado e a tipografia mantém uma certa nitidez, relativamente à de outros exemplares que acusam um manuseamento mais intenso. Foi aplicado dourado aos cortes do livro, o que assume, como se sabe, uma função não só decorativa, mas também de preservação, na medida em que protege o papel da infiltração de agentes externos danificadores.

Para além da encadernação Farnese, documentam a história do exemplar dois carimbos distintos, ambos já da BNN¹⁴. O primeiro, colocado no fólio do frontispício, à direita, é formado por uma elipse que circunda as iniciais floreadas BR, Biblioteca Reale, designação detida pela instituição entre 1804, quando Ferdinando IV de Bourbon abriu o seu acervo ao público, e 1816, quando passou a ser denominada Reale Biblioteca Borbonica. O segundo, colocado no final, depois da palavra FIM. (f. 186v), é também formado por uma elipse que circunda o nome da BNN, contendo a cruz dos Savoia encimada por uma coroa, pelo que a sua cronologia é anterior a 1946.

Uma outra particularidade do exemplar de *Os Lusíadas* pertencente ao acervo Farnese da BNN é o facto de não possuir qualquer marca de posse manuscrita. Essa ausência, em associação com o relativamente bom estado de conservação do espécimen, indicia um uso e um raio de circulação circunscritos. Condiz, pois, com uma integração de longa duração nas estantes dos Farnese. A principal característica identificadora da biblioteca de Parma é a encadernação, que vale por si. Não se trata de uma encadernação luxuosa, nem o espírito que presidiu à formação e ao gradual alargamento do acervo foi o de criar uma colecção-tesouro. Diversamente, era visado um horizonte de curiosidade intelectual e de enriquecimento literário. A biblioteca incorporou obras fundamentais da Antiguidade e, em particular, dos séculos XVI e XVII.

Quando o cardeal Alessandro Farnese ascendeu ao sólio papal, como Paulo III, doou a seu filho Pier Luigi (1503-1547) os feudos papais de Parma. A projecção adquirida pelos Farnese espelha-se bem no coturno dos consórcios matrimoniais acordados para os membros da família. O próprio Pier Luigi desposa uma Orsini, o que lhe permite anexar algumas possessões confinantes com Parma. O governo do território passará para as mãos de seu filho Ottavio (1524-1586), que casa com Margarida de Habsburgo, filha extra-matrimonial de Carlos V, obtendo o reconhecimento do título de Duque pelo imperador. Por sua vez, Alessandro (1545-1592), seu descendente imediato, uniu-se a Maria de Portugal (1538-1577)¹⁵. Maria de Portugal

¹⁴ Vid. <https://www.movio.beniculturali.it/dgbic/bibvio/it/20/napoli-nazionale> (consultado a: 05-05-2019).

¹⁵ Sobre Alessandro Farnese (1545-1592), uid. L. VAN DER ESSEN, s.u. "Alessandro Farnese, duca di Parma e Piacenza", in *Dizionario biografico degli italiani*, Roma, Istituto della Enciclopedia Italiana, vol. 2, 1960; sobre Maria de Portugal, uid. *D. Maria de Portugal princesa de Parma (1565-1577) e o seu tempo. As relações culturais entre Portugal e Itália na segunda metade de Quinhentos*, Porto, CIHE, ICP, 1999.

descendia, pelo lado paterno, do infante D. Duarte, filho de D. Manuel, e como tal era sobrinha do rei D. João III. Pelo lado materno, sua mãe, Isabel de Bragança, era filha do duque Jaime I.

O matrimónio foi celebrado em Bruxelas em 1565, tendo o casal rumado a Parma, cidade onde Maria viveu durante 12 anos, ou seja, até 1577, data da sua morte. Alessandro Farnese era uma personalidade à qual se aplica à perfeição a máxima de Camões “Numa mão sempre a espada, e noutra a pena”. Homem de grande cultura, frequentara a Universidade de Alcalá de Henares, sendo, da mesma feita, um hábil comandante militar. Em 1570 partiu de novo para os Países Baixos, onde desempenhou funções-chave como estratega ao serviço dos Habsburgo. Havia de suceder a seu pai em 1586, ano da morte de Ottavio Farnese. Maria de Portugal já então tinha falecido há 9 anos.

A pertença do exemplar de *Os Lusíadas*, que se encontra na BNN, à Biblioteca Farnese de Parma e a sua transferência para Nápoles em 1736 é indiscutível: os factos são materialmente comprovados pela encadernação. Contudo, não encontrei dados documentais que permitam apurar a data em que entrou para o acervo de Parma. Um vazio incolmável paira sobre os respectivos arquivos. O lapso temporal que medeia entre a edição de António Gonçalves em Lisboa, no ano de 1572, e a morte de Maria de Portugal, na cidade Parma, em 1577, é compatível com a virtual incorporação do volume na Biblioteca Farnese durante a sua vida. Aliás, o escoamento dessa edição deixou espaço para a fileira de impressões que a breve trecho se lhe seguiram: 1584, 1591 e 1597, todas elas batidas pelos prelos de Manuel de Lira.

A análise material dos exemplares Cam4P da BNP e S.Q.XXIVG31 da BNN mostra de forma eloquente como esses espécimes tiveram uma vida comum. É irmãmente testemunhada pelos dois quadriláteros impressos que uma tesourinha recortou, bem como pelas minuciosas correcções manuscritas que uma pena neles desenhou. A colagem teria ocorrido, com toda a probabilidade, pouco depois de a edição ter saído dos prelos. Indicia-o o tipo utilizado na impressão dos recortes. Os caracteres tipográficos estavam sujeitos a um acentuado desgaste, o que obrigava a oficina a substituí-los regularmente. Ora, se o desenho dos caracteres impressos nos quadriláteros corresponde ao da impressão original, não teria passado muito tempo sobre a data de 1572.

Não obstante, tais alterações situam-se à margem do trabalho da oficina de impressão que originariamente bateu o conjunto de exemplares que forma a edição. As modificações e as correcções em ambos introduzidas atestam a partilha coincidente de um capítulo do seu manuseamento, num mesmo ambiente histórico, em cujo âmbito foram sujeitos ao mesmo tratamento material. Outros capítulos da sua história separaram os dois livros. Um deles, que foi intensamente manejado e que apresenta várias marcas de posse, veio a ser incorporado no acervo da Biblioteca Nacional de Portugal. O seu par, mais resguardado, viajou até Parma e de Parma até Nápoles. Contudo, essa é já a história do seu uso, da sua circulação e do seu manuseamento, não da sua produção.

Por conseguinte, apesar das zonas de sombra que recobrem alguns segmentos da história dos exemplares, aliás sem impedirem a perscrutação dos rumos do seu uso, a identificação das alterações introduzidas adquire um valor inquestionável para o trabalho editorial de *Os Lusíadas*. As características que expus são exógenas à fisionomia dos exemplares que em 1572 saíram da oficina de António Gonçalves, em Lisboa, e por isso não fazem parte do impresso original.

Estas conclusões não teriam sido possíveis sem um convívio *de visu* com os dois espécimes, e é essa a lição do Prof. Aires Nascimento da qual este trabalho se faz tributário: “Não se ama senão aquilo que se conhece, como a inversa é verdadeira, pois só se conhece verdadeiramente aquilo que se ama”¹⁶.

¹⁶ A. A. NASCIMENTO, *O scriptorium de Alcobaça: o longo percurso do livro manuscrito português*, Lisboa, Direção-Geral do Património Cultural, Mosteiro de Alcobaça, 2018, p. 365.

Em sùmula, quanto à Cristologia de Heitor Pinto

As fontes da interpretação cristológica no século XVI devem ser particularmente realçadas por força das novas orientações teológicas e implicações litúrgicas das vias reformadoras que apontavam para uma vivência cristã mais próxima dos Evangelhos e da Igreja Primitiva como todos notamos na *Vita Christi* de Ludolfo de Saxónia. Chegou-nos a notícia da utilização desta obra, como livro de leitura, pelos frades da Ordem de S. Jerónimo, através de um exemplar da edição da mesma em espanhol, feita em Sevilha em 1551, e oferecido no ano seguinte pelos condes da Vidigueira ao Mosteiro da Pena, por onde Heitor Pinto passou.

Todavia nos finais de Quatrocentos e nos primórdios de Quinhentos, em Portugal, ecoava ainda a Cristologia de Santo Efrém (c. 306-376). Heitor Pinto remete para o tratado *De Passione Domini Saluatoris Nostri Iesu Christi* daquele santo sobre os fenómenos da natureza que ocorreram durante a paixão e morte de Jesus Cristo³. A S. Dionísio Areopagita (séc. I), convertido por S. Paulo, são atribuídas as obras de um autor dos séculos V/VI, portanto, do dito Pseudo-Dionísio Areopagita, editadas em Paris (1555), que confirmam algumas interpretações da economia da salvação seguidas por Heitor Pinto, que cita a *Epístola a Policarpo*, além das já anotadas acima para ilustrar aqueles fenómenos⁴. Ali, fica bem claro o seu entendimento da necessidade do sacrifício divino para a salvação da “máquina do mundo”, conceito bem abrangente e, portanto, com uma certa novidade⁵. Geralmente, sem comentários, aceita o teor das fontes sobretudo quando, em contraponto, elas confirmam as teses em presença. Pelo facto, não deixa de ser significativo o comentário que desenvolve, a propósito da autenticidade do milagre, que o franciscano S. Boaventura (1221-1274) narra na fuga de Jesus para o Egipto, a árvore, dita pérsea, inclina-se à passagem da Sagrada Família⁶. As obras do dito doutor Seráfico foram traduzidas e editadas em português nos mesmos anos em que Heitor Pinto compôs e editou a *Imagem da Vida da Cristã* e marcaram-no mais ainda pela coincidência nas preocupações e nos temas-chave. Referimo-nos não só ao *Liuro Chamado Stimulo de Amor Diuino*, impresso em Lisboa (1550), mas também ao *Da Perfeçam da Vida* que ali também saiu dos prelos, um ano antes dos seus primeiros diálogos, portanto, em 1562. Decerto, Heitor Pinto teve acesso a outras obras daquele em latim, designadamente aos comentários bíblicos e filosóficos. E concluímos confirmando a sua permanente atualização com o que de melhor se produzia nas suas áreas no mundo livreiro de então.

³ Heitor Pinto, O. S. J., op. cit., *Dos Verdadeiros e Falsos Bens*, XXIV, p. 643.

⁴ Ibidem, p. 644.

⁵ Ibidem, p. 644-644v.

⁶ Idem, op. cit., *Das Causas*, XVII, p. 498v.

Palavras Prévias

- 7 ARNALDO DO ESPÍRITO SANTO, MARIA CRISTINA PIMENTEL,
PAULO FARMHOUSE ALBERTO, RODRIGO FURTADO

11 Tabula Gratulatoria

- 19 AIRES AUGUSTO NASCIMENTO
Super flumina Babilonis, illic sedimus, cum recordaremur tui...

TESTEMUNHOS / SOBRE AIRES NASCIMENTO

- 27 ARNALDO DO ESPÍRITO SANTO
Testemunho. Palavras de abertura do Congresso
- 29 MARIA CRISTINA PIMENTEL
Do doce filme da memória
- 31 JOSÉ MANUEL DÍAZ DE BUSTAMANTE
Con la disculpa de Aires Nascimento: Casi medio siglo de estudios de latín medieval
- 39 PAOLO FEDELI
In cerca di un'identità comune
- 45 JOAQUIM CERQUEIRA GONÇALVES
O Latim na metáfora da Cultura Portuguesa
- 49 MARIA LEONOR LAMAS DE OLIVEIRA XAVIER
Aires A. Nascimento. Peregrino no mundo da cultura

ANTIGUIDADE CLÁSSICA

- 61 MARIA DE FÁTIMA SILVA
A carta, um elemento literário e dramático

- 73 MARC MAYER I OLIVÉ
Sui cuique mores fingunt fortunam hominibus. De nuevo sobre Apio Claudio y sus *Sententiae*. A propósito de Cornelio Nepote, *Att.* 11, 6 y 19, 1
- 83 JOËL THOMAS
Centre et périphérie dans *l'Imperium Romanum*: un sujet d'actualité
- IDADE MÉDIA**
- 99 MARÍA ADELAIDA ANDRÉS SANZ
La historia de un texto a partir de sus paratextos: el *prooemium* isidoriano al libro de Malaquías en los códices altomedievales
- 107 CARMEN CODOÑER
Los demonios del siglo VII y Valerio del Bierzo
- 125 LIDIA BUONO
Composizione e compilazione nei testi omiletici: un caso di studio
- 133 RODRIGO FURTADO
Quando vai ser o fim do mundo? A origem do *De Fine Mundi* (Madrid, RAH *Aem.* 78, f. 209v = Madrid, Complutense 134, f. 30ra-b)
- 143 ANGÉLICA VARANDAS
Reflexão sobre as origens controversas dos *echtraí* e dos *immrama*
- 151 INÊS DE ORNELLAS E CASTRO
Um horto para cuidar da alma: influências hipocrático-galénicas na *Physica* de Hildegarda de Bingen
- 163 PERE J. QUETGLAS e MERCÈ PUIG RODRÍGUEZ-ESCALONA
La naturaleza de los latines medievales o sobre el latín de la Edad Media
- 175 PAULO FARMHOUSE ALBERTO
São Vicente e o Passionário de Lorvão
- 187 ISABEL BARROS DIAS
Peregrinação e encontros com aves
- 201 MARIA ALEGRIA F. MARQUES
Aspectos desconhecidos do mosteiro de S. João de Tarouca na Idade Média. Nótula de investigação

- 211** ISRAEL SANMARTÍN
Comparación entre dos manuscritos castellanos del *Vade Mecum in Tribulatione* del siglo XV

ENTRE OS SÉCULOS XV-XVIII

- 235** ANA MARIA S. A. RODRIGUES
Os escritos de D. Duarte sobre as mulheres no *Leal Conselheiro*: ecos longínquos da *Querelle des femmes*?

- 245** CRISTINA ALMEIDA RIBEIRO
Sob o signo da Alegoria: caminhos da redenção na poesia do *Cancioneiro Geral*

- 255** ANA MARÍA S. TARRÍO
Otium, otiositas, prigitia, melancholia. Cicerón, Petrarca y la dinastía de Avis

- 275** NUNO SIMÕES RODRIGUES
Ficção, tipologia e anacronismo na composição das personagens da *História do mui nobre Vespasiano imperador de Roma*

- 301** THOMAS EARLE
Rui de Pina e Damião de Góis: entre a historiografia medieval e a historiografia renascentista

- 311** SILVINA PEREIRA
No grande mar se cria o grande peixe. A tradição clássica teatral nas comédias de Jorge Ferreira de Vasconcelos

- 331** CRISTINA SANTOS PINHEIRO
Os povos monstruosos de Plínio nos tratados de ginecologia de Ludovico Bonacciolli, Nicholas de la Roche e Rodrigo de Castro Lusitano

- 347** BERNARDO MOTA
O Tratado breve da natureza e causas da peste de Rodrigo de Castro: uma sucinta descrição de conteúdos

- 359** ABEL N. PENA
Fontes e motivos clássicos na *Ethiopia oriental* de Frei João dos Santos

- 369** ISABEL ALMEIDA
Vozes *encontradiças*: Leonel da Costa e D. Marcos de S. Lourenço. Acerca de “A primeira tradução portuguesa da *Eneida*”

- 381** MÁRIO MAGALHÃES LOPES DA SILVA
Santa Isabel e o carácter histórico-providencial do reino português no discurso do Padre André Luís
- 387** JOANA VEIGA
Horácio nos poemas jesuíticos em louvor à Rainha Santa Isabel
- 405** ANDRÉ SIMÕES
Documentação medieval na disputa política do período da Restauração
- 413** MARTIM DE ALBUQUERQUE
Novos contributos para a recepção de Justo Lúpsio em Portugal
- 437** MANUEL JOSÉ DE SOUSA BARBOSA
O poema didáctico *Praedium rusticum*, de Jacques Vanière, S.I.: alguns apontamentos
- 449** VANDA ANASTÁCIO
Religião, ciência e poesia no Século das Luzes. Acerca da epístola *A Godofredo*, da Marquesa de Alorna (1750-1839)

CÓDICES E BIBLIOTECAS

- 467** MÁRIO DE GOUVEIA
Guimarães: uma biblioteca monástica nas origens da cultura hispânica (séculos X-XI)
- 487** ANA SUÁREZ GONZÁLEZ
La biblioteca *rota* de Santa María de Oia (c. 1150-1250)
- 499** LUÍS CORREIA DE SOUSA, MARIA ADELAIDE MIRANDA e MARIA JOÃO MELO
A iluminura, um elemento “solidário e articulado” no códex. Texto e ornamento no manuscrito Alc. 149, um *Mariale* alcobacense
- 515** HARVEY L. SHARRER e PEDRO PINTO
Os fragmentos da *Historia Scholastica* de Pedro Comestor da Biblioteca da Faculdade de Direito da Universidade de Lisboa
- 535** MARIANA LEITE
Na senda de S. Jerónimo: as bíblias portuguesas produzidas a partir da *Historia Scholastica* de Pedro Comestor

- 545** MARIA ALESSANDRA BILOTTA
A proposito della circolazione di modelli tra scultura e miniatura, tra Catalogna e Linguadoca: alcune osservazioni sull'*atelier* del Pontificale di Arles (BnF, ms. lat. 9479), attivo a Tolosa nella seconda metà del XIV secolo
- 575** SAUL ANTÓNIO GOMES
Testemunhos de exercícios abaciais e de autografia em mosteiros cistercienses femininos portugueses na Baixa Idade Média
- 597** JOSEFINA PLANAS
Las inquietudes religiosas de una dama valenciana a fines del siglo XV: el Libro de Horas (Londres, British Library, Add. ms. 18193)
- 617** DELMIRA ESPADA CUSTÓDIO e HORÁCIO AUGUSTO PEIXEIRO
“Para rezar em tempos certos”. O Livro de Horas do Museu de Angra do Heroísmo
- 631** CARLOS GUARDADO DA SILVA, LUÍS CORUJO e JORGE REVEZ
O foral do Reguengo de Monte Agraço (1518): estudo codicológico
- 641** ANTÓNIO DOS SANTOS PEREIRA
O Cristocentrismo em Quinhentos e os livros de Frei Heitor Pinto
- 653** RITA MARNOTO
Colagens e emendas de dois exemplares de *Os Lusíadas*
- 663** ANA ISABEL LÍBANO MONTEIRO
Memória e erudição na Poligrafia antiga beneditina
- 679** MARIA MARGARIDA CUNHA SEIXAS e MARGARIDA LEME
A arte nos livros e os livreiros régios: o paradigma da Casa da Moeda de Lisboa
- 701** PEDRO LUÍS GAURIM FERNANDES
Antiguidade e bibliofilia no século XIX. O caso da colecção Husson da Câmara doada à Academia Real de Bellas Artes de Lisboa em 1866
- 725** JOÃO DIONÍSIO
Um desentendimento na constituição da biblioteca de M. S. Lourenço

TRADUÇÃO

- 743** ANDREA BOZZI
Lo studio collaborativo delle traduzioni arabe medievali di testi greci con l'ausilio della tecnologia per il Web. Il caso della *Teologia* di Aristotele

757 GEMMA AVENOZA †
Versículos del libro de Ezequiel traducidos por Gonzalo de Ocaña (OSH) en su versión de las *Homilias sobre Ezequiel* del Papa Gregorio

769 JOSÉ MARTÍNEZ GÁZQUEZ
La divinidad de Cristo en las glosas de Nicolás de Cusa al *Alkoranus* y la *Cribratio Alkorani*

781 TERESA SERUYA
S. Jerónimo e os “métodos de traduzir”... Uma homenagem à tradução da sua *Carta a Pamáquio*, por Aires A. Nascimento

791 MARIA DO ROSÁRIO MONTEIRO
A *Utopia* de Thomas More em Português; percursos de um texto

SÉCULOS XIX-XX

803 MARÍA DE LOS MILAGROS COMESAÑA SANTOS
España en los orígenes del *Stivale*: uso del motivo de la España musulmana en los textos melodramáticos *ottocentescos* como elemento unificador de la futura Italia

809 RAFAEL GOMES FILIPE
Uma leitura de *Vertigo* de Alfred Hitchcock à luz de *O Romance de Tristão e Isolda*

817 MARIA DE SOUSA PEREIRA COUTINHO
Ciência e comunicação. A importância da linguagem